

Geolingüística pluridimensional: desafios metodológicos

Felício Wessling Margotti¹

¹Centro de comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

wfelicio@cce.ufsc.br

Resumo. *Este artigo tem por objetivo fazer um relato de uma experiência de pesquisa geolingüística pluridimensional, enfocando, sobretudo, as dificuldades e as soluções na elaboração dos mapas complexos e sintéticos, que contemplam, simultaneamente, a variação em diferentes dimensões. Nesse caso, os mapas lingüísticos assumem características de maior complexidade, pois, além da variação no espaço, devem dar conta da variação em diferentes grupos sociais em cada uma das localidades investigadas. Nessa perspectiva, a dialetologia deixa de ser exclusivamente diatópica para ser, também, diastrática e diafásica. Em síntese, deixa de ser monodimensional para ser pluridimensional.*

Resumen. *Este artículo objetiva hacer un relato de una experiencia de pesquisa geolingüística pluridimensional, enfocando, sobretudo, las dificultades y las soluciones en la elaboración de dos mapas complejos y sintéticos, que contemplan, simultáneamente, la variación en distintas dimensiones. En ese caso, los mapas lingüísticos asumen características de mayor complejidad, pues, además de la variación en el espacio, deben dar cuenta de la variación en distintos grupos sociales en cada una de las localidades investigadas. En esa perspectiva, la dialectología deja de ser exclusivamente diatópica para ser, todavía, diastrática y diafásica. En síntesis, deja de ser monodimensional para ser pluridimensional.*

Palavras-chave: geolingüística pluridimensional; cartografia lingüística; variação lingüística.

1. Introdução

Este estudo tem o objetivo de explicitar a dinâmica da difusão do português no espaço pluridimensional de contato com o italiano no sul do Brasil, ou mais especificamente a difusão de variantes do português não marcado pelo contato com os dialetos italianos. Nesse contexto, as variantes não marcadas pelo contato são consideradas inovadoras e, como tal, de acordo com Chambers & Trudgill (1980, p. 182), podem se difundir de um grupo social para outro grupo social (difusão sociolingüística), de uma palavra para outra palavra (difusão lexical), de um contexto lingüístico para outro contexto lingüístico (difusão lingüística) e de um lugar para outro lugar (difusão espacial). A linha teórica e metodológica da pesquisa segue a perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional, conforme Radke & Thun (1996).

2. Delimitações da pesquisa e metodologia

Este texto é parte de um relatório de pesquisa (MARGOTTI, 2004), enfocando principalmente as dificuldades e soluções na elaboração de mapas geolingüísticos

pluridimensionais, que contemplam a variação lingüística em diferentes dimensões, conforme Quadro 1.

Dimensões	Parâmetros	
Diatópica	Nova Palma/RS, Caxias do Sul/RS, Sananduva/RS, Sarandi/RS, Orleans/SC, Rodeio/SC, Chapecó/SC, Videira/SC.	
Diatópica-cinética	Colônias Velhas	Caxias do Sul/RS e Nova Palma/RS
		Rodeio/SC e Orleans/SC
	Colônias Novas	Sananduva/RS e Sarandi/RS
		Chapecó/SC e Videira/SC
Diaazonal	Falantes do meio rural (R)	
	Falantes do meio urbano (U)	
Diageracional	Geração de 15 a 30 anos (GI)	
	Geração de 45 a 60 anos (GII)	
Diastrática	Falantes com nenhuma até 8 anos de escolaridade (Esc1)	
	Falantes com mais de 8 anos de escolaridade (Esc2)	
Diassexual	Falantes do sexo masculino (M)	
	Falantes do sexo feminino (F)	
Dialingual	Descendentes de imigrantes italianos bilíngües (ITA)	
	Descendentes de luso-brasileiros monolíngües (LUSO)	
Diafásica	Conversa livre (C)	
	Questionário (Q)	
	Leitura (L)	
Diarreferencial	Referências metalingüísticas e epilingüísticas	

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros controlados pela pesquisa

Os dados foram obtidos através de trinta e duas entrevistas, organizadas segundo o princípio da pluralidade simultânea, tendo, no caso, três participantes, no mínimo, e cinco, no máximo. Em cada um dos estados, dois pontos representam áreas de colonização antiga, com imigrantes europeus, e dois pontos representam áreas de colonização mais recente, como resultado, em parte, de deslocamento de populações provenientes das colônias mais antigas. Em cada ponto (município) onde foram realizadas as entrevistas, selecionamos quatro grupos padronizados, de acordo a matriz do Quadro 2.

UGI – urbanos, idade de 15 e 30 anos, escolaridade superior à 8 ^a série, ítalo-brasileiros
UGII – urbanos, idade de 45 e 60 anos, escolaridade até a 8 ^a série, luso-brasileiros
RGI – rurais, idade de 15 e 30 anos, escolaridade até a 8 ^a série, ítalo-brasileiros
RGII – rurais, idade de 45 e 60 anos, escolaridade até a 8 ^a série, ítalo-brasileiros

Quadro 2 – Matriz das entrevistas

A duração média das entrevistas é de 30 minutos e contemplam: a) *conversa* semidirigida (cerca de 15 minutos); b) respostas a *questionário fonético-fonológico*,

com respostas fechadas (60 perguntas); e c) *leitura de texto* (“A parábola do filho pródigo”).

As variáveis lingüísticas estudadas e respectivas variantes estão relacionadas no Quadro 3.

Variáveis lingüísticas	Variantes [+ptg] ¹	Variantes [+ita] ²
a) ditongo nasal tônico [ãw̃]	[ãw̃]	[õw̃, õ]
b) a consoante [r] ³	[r, x]	[r, r]
c) a vogal [a] seguida de consoante nasal	[ɑ, ɑ̃, ɐ, ɛ̃]	[ã, a]
d) a consoante [t] seguida de [i]	[tʃ, tʃ]	[t]
e) a consoante [d] seguida de [i]	[dʒ, dz]	[d]
f) a vogal átona final [e]	[i, i]	[e]
g) a vogal átona final [o]	[ω, w]	[o]
h) a consoante [ʃ]	[ʃ]	[ʃ]
i) a consoante [ʒ]	[ʒ]	[ʒ]

Quadro 3 – Quadro de variáveis lingüísticas

Além dos itens lexicais que contêm as regras variáveis em estudo nesta pesquisa, selecionamos, na conversa, os comentários mais relevantes a respeito da língua, da etnia, da cultura e da organização social, entre outros aspectos, com vistas a subsidiar a análise diarreferencial. Esses dados não estão incluídos neste texto.

3. O tratamento estatístico e cartográfico dos dados

Os dados relativos às nove variáveis lingüísticas controladas pela pesquisa foram informatizados através do Sistema do Processamento de Dados Geolingüísticos (SPDGL)⁴ e, em seguida, submetidos a tratamento estatístico através do VARBRUL, não só para quantificar os dados relativamente às dimensões (grupo de fatores) previstos, mas também para definir o peso relativo de cada fator na realização da regra. Como nosso estudo visa a descrever a difusão do português em contato com o italiano, as variáveis independentes pressupõem o confronto de variantes do português considerado padrão, isto é, sem marcas do contato com o italiano, com variantes do português de contato, isto é, variantes identificadas como interferências do italiano no português.

A análise dos dados foi feita, portanto, com base em tabelas estatísticas, cujos números subsidiaram a elaboração de mapas pluridimensionais. Isso significa que o tratamento cartográfico dos dados tem um caráter muito mais complexo daquele da geolingüística tradicional, ou seja, passa-se de um detalhamento da superfície monodimensional (simplex arealização), ou bidimensional (arealização dos dados e quantificação), para o espaço tridimensional (Thun, 2000, p. 192). Na geolingüística tradicional, os dados da pesquisa direta são expostos horizontalmente na dimensão diatópica, através de símbolos nos respectivos pontos do mapa base. Em nossa pesquisa,

¹ Variantes lingüísticas associadas ao português padrão.

² Variantes lingüísticas associadas ao português de contato com o italiano.

³ Nos seguintes contextos: no início de vocábulos, no início de sílaba medial quando precedida de consoante e entre vogais, nos casos de [r] ter valor fonêmico.

⁴ Programa computacional desenvolvido por Hilda Gomes Vieira.

além da apresentação horizontal, os dados serão inscritos verticalmente, no eixo sociolinguístico, representado, neste caso, por uma cruz em cada ponto. Os quatro compartimentos da cruz representam os quatro grupos pesquisados em cada ponto. Na parte superior da cruz, situam-se os informantes urbanos e, na parte inferior, os rurais; à esquerda da cruz, situam-se os mais velhos e, à direita, os mais jovens.

GII	UGI
GII	RGI

No conjunto, os quatro compartimentos representam quatro mapas sobrepostos, ou seja, a representação de quatro arealizações simultâneas. O sistema, todavia, oferece alternativas de representação areal menos complexas, utilizando dados de três, de dois ou mesmo de um só compartimento. Trabalhando com diferentes alternativas de representação dos dados linguísticos, tanto no eixo horizontal quanto no eixo vertical, é possível comparar, sistematicamente, os pontos entre si (variação diatópica), áreas velhas com áreas novas (variação diatópico-cinética), áreas rurais com áreas urbanas (variação diazonal), geração mais velha com geração mais nova (variação diageracional), escolaridade da geração rural mais jovem com escolaridade da geração urbana mais jovem (variação diastrática), bilíngües rurais da geração mais velha com monolíngües urbanos da geração mais velha (variação dialingual), e todos os grupos entre si em três estilos (variação diafásica), entre outras possibilidades de refinamento da análise, como é o caso da variação diagenérica que, em nossa pesquisa, não tem levantamento sistemático de dados.

Para representar o volume de realizações das variantes linguísticas pelos grupos individualmente, utilizamos um círculo com cinco configurações possíveis: círculo totalmente hachurado [●]; círculo hachurado em três quartas partes [◐]; círculo hachurado em duas quartas partes [◑]; círculo hachurado em uma quarta parte [◒]; círculo não-hachurado [○]. As configurações dos círculos estão relacionadas a uma escala percentual, indicando o grau de difusão da variável linguística associada ao português, de tal modo que quanto mais hachurado estiver o círculo maior o grau de difusão.

Na seqüência, apresentaremos exemplos de mapas geolinguísticos pluridimensionais complexos.

4. Alguns resultados e a representação cartográfica

Os resultados aqui apresentados compõem uma pequena amostra do estudo realizado, e visam, sobretudo, a enfatizar aspectos técnicos e metodológicos na elaboração cartográfica.

O *Mapa 5* (Figura 1) condensa, na prática, a sobreposição de 26 mapas analíticos, gerados pelo SPDGL. Com base na escala percentual, representamos em um mapa pluridimensional o uso variável do ditongo [ũw] pelos trinta e dois grupos padronizados que constituem a amostra. Ao mesmo tempo, considerando que os grupos estandardizados ocupam em cada ponto sempre o mesmo vértice da cruz, o mapa dá uma visão macro da variação, tendo em vista não só a variação no espaço, mas também

a variação social, conforme os grupos sejam representativos de falantes urbanos e de falantes rurais, da geração mais velha e da geração mais jovem, dos indivíduos menos escolarizados e dos indivíduos mais escolarizados, dos descendentes de italianos e dos descendentes de luso-brasileiros.

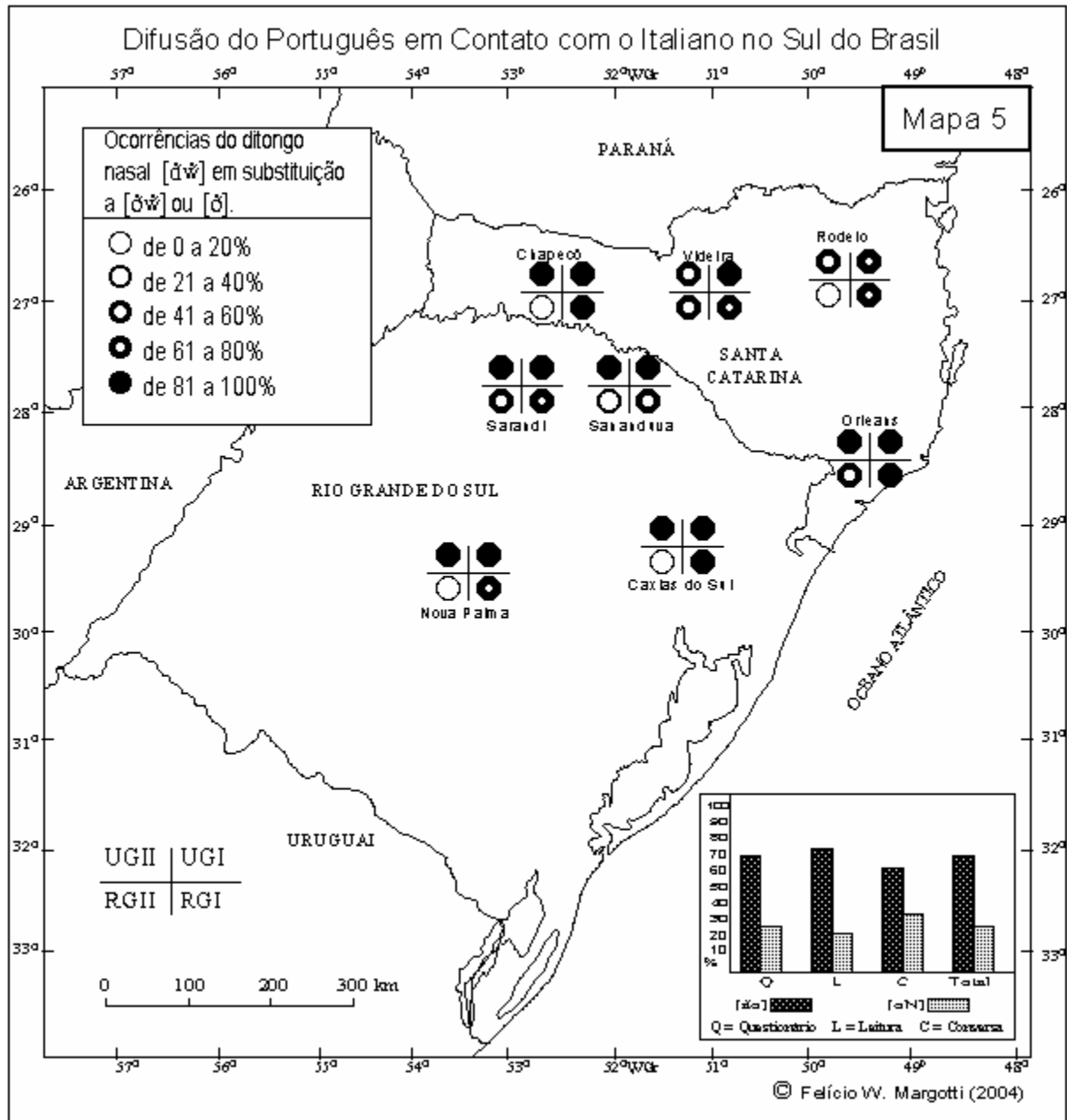


Figura 1 – Mapa 5: difusão diatópico-social do ditongo nasal [ãw]

O *Mapa 5* mostra claramente uma difusão maior de [ãw] no meio urbano e, predominantemente, entre os jovens. Mostra também que, no meio rural, a variante [ãw] penetra no português de contato dos falantes de italiano através dos jovens. Em sentido inverso, percebe-se menor difusão dessa variável nos grupos de indivíduos mais velhos da zona rural (RGII), justamente aqueles que mantêm o mais elevado grau de bilingüismo. Outro aspecto a ser considerado é que falantes luso-brasileiros (UGII),

sinalizados no mapa no ângulo superior esquerdo da cruz, não realizam a variante [+ptg] em 100% dos contextos, indicando, portanto, que reproduzem certas características do português de contato com o italiano. Isso é mais visível em Videira e Rodeio.

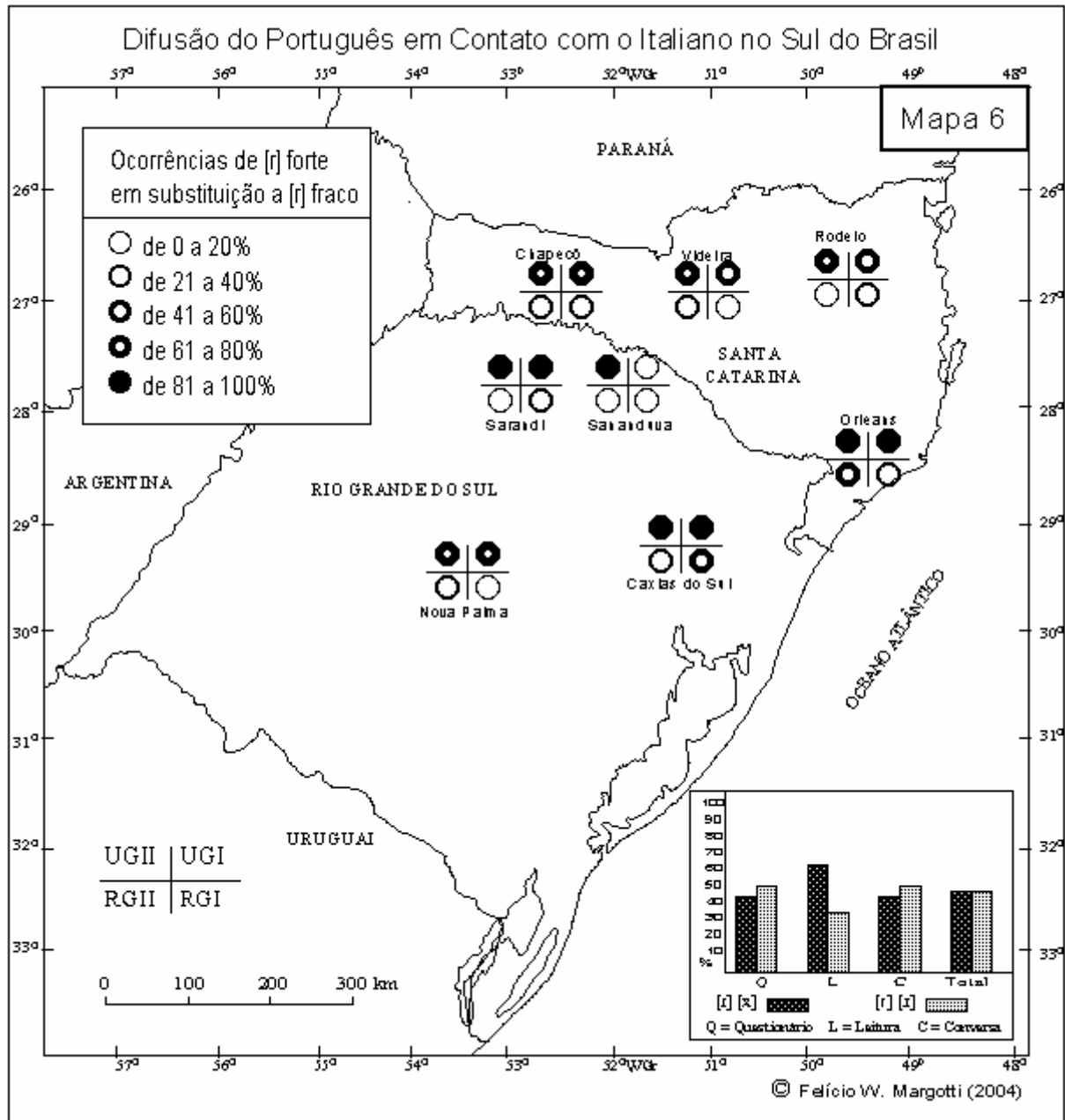


Figura 2 – Mapa 6: difusão diatópico-social de [r] forte

O Mapa 6 (Figura 2) representa a variação no uso do [r]. Comparando primeiramente os pontos entre si, verifica-se que Orleans e Caxias do Sul e, em parte, também Sarandi, apresentam os índices percentuais mais elevados de uso das variantes [r] e [x], que são associadas ao português, e, em sentido contrário, Videira, Rodeio e Sananduva apresentam os menores índices. Em segundo lugar, a exemplo do que já observamos em relação ao ditongo nasal [ãw], a difusão do traço [+ptg] é mais intensa

nos grupos sinalizados na parte superior da cruz (UGII e UGI), com ligeira vantagem para os indivíduos luso-brasileiros (UGII). Em relação aos estilos de fala (ver gráfico situado no canto inferior, à direita), o uso do [r] forte é favorecido na *leitura*, mantém posição neutra na *conversa* e é levemente desfavorecido nas *respostas ao questionário*.

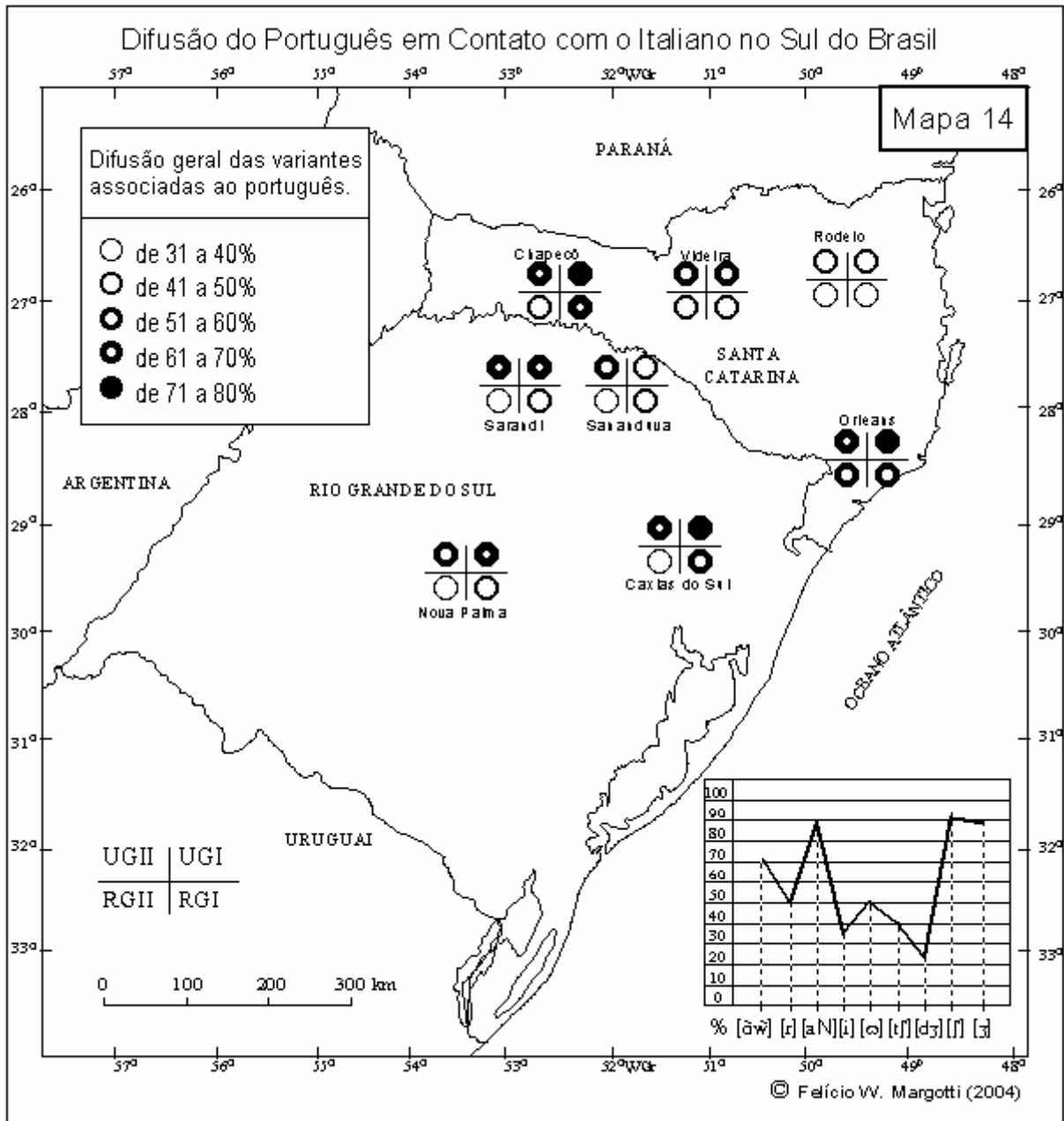


Figura 3 – Mapa 14: difusão geral das variantes lingüísticas associadas ao português por grupos padronizados

Para melhor compreender as tendências de difusão do português na perspectiva diatópica e diassocial, elaboramos o *Mapa 14* (Figura 3), que representa o desempenho geral de todos os grupos entrevistados em cada ponto, incluindo todas as variáveis lingüísticas controladas. Tal mapa mostra, entre outros aspectos, que há diferenças acentuadas na fala no espaço pluridimensional da pesquisa. Essas diferenças dizem respeito à intensidade da variação quando são confrontados os resultados dos diferentes

pontos entre si e dos grupos estandardizados entre si, bem como ao modo da variação quando são confrontados os resultados obtidos pelos diferentes grupos em cada ponto.

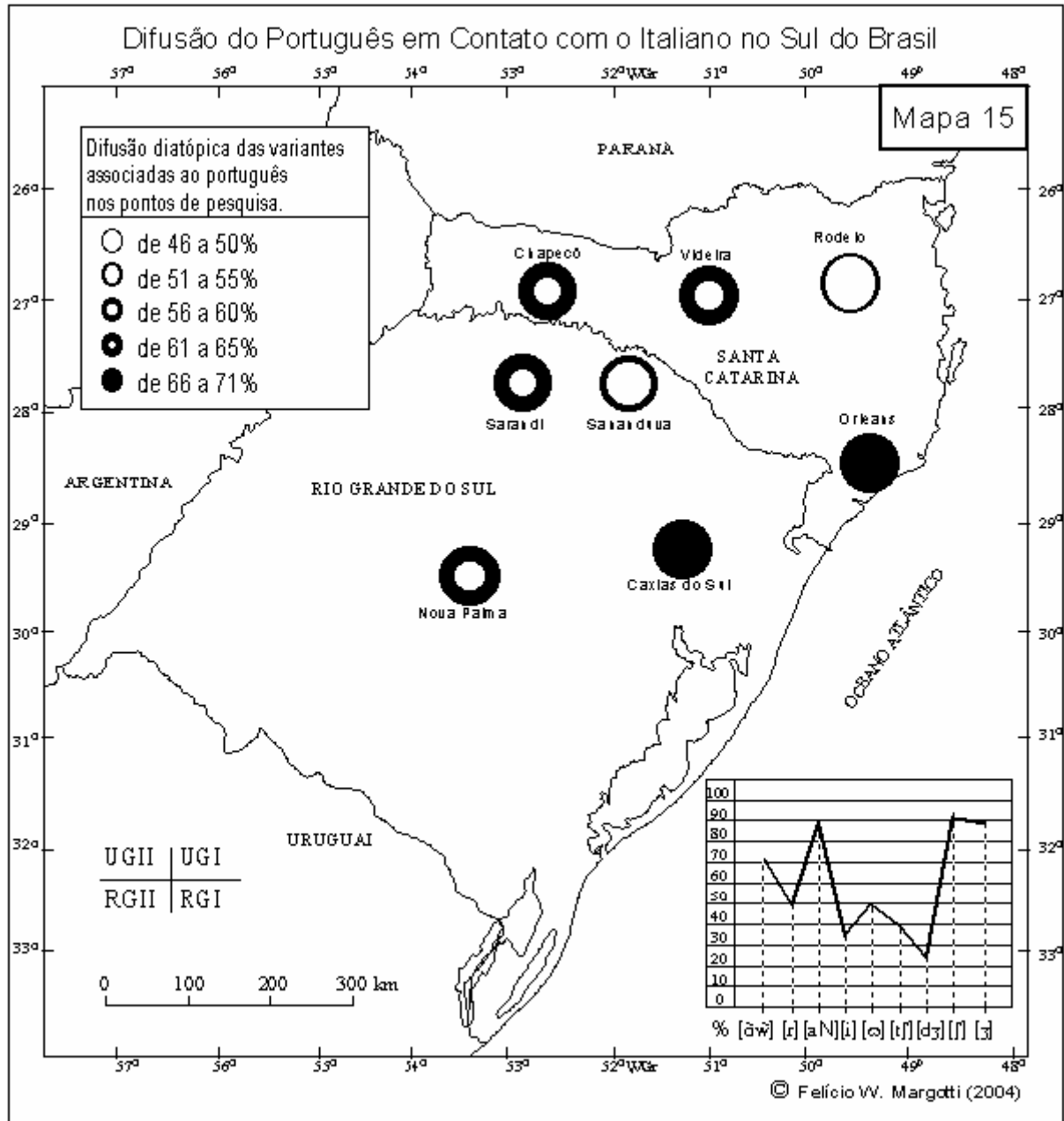


Figura 4 – Mapa 15: difusão diatópica do português

Considerando que na variação diatópica não importa *quanto* varia, mas sim *como* varia, ou seja, deve-se levar em conta o tipo de arealização que a(s) variável(is) lingüística(s) configura(m) no espaço, comparamos o desempenho de cada um dos pontos pesquisados. No *Mapa 15* (Figura 4), agrupamos, em cada ponto, os dados [+ptg] de todas as variáveis lingüísticas das quatro entrevistas: as duas rurais e as duas urbanas.

Através de uma escala percentual com degraus que se alteram a cada cinco pontos, a legenda do mapa associa o grau de difusão dos traços associados ao português

aos símbolos, os quais representam a difusão no plano diatópico: quando mais hachurado estiver o símbolo, maior o grau de difusão. Observa-se, assim, que Orleans e Caxias do Sul, duas colônias velhas, estão em estágio mais avançado do que os demais pontos no que diz respeito à inovação lingüística. No plano oposto, isto é, com mais resistência à incorporação de inovações lingüísticas e, portanto, à difusão de traços do português inferior aos outros pontos, citam-se, pela ordem, Rodeio e Sananduva.

5. Considerações finais

O grande desafio desta pesquisa foi, desde o início, a elaboração de mapas pluridimensionais que permitissem visualizar o grau de difusão do português nas áreas delimitadas e em diferentes grupos sociais. Optamos por representar a variação através de escalas percentuais associadas a cinco símbolos, indicadores da intensidade da difusão. Por outro lado, a apresentação simultânea e sucessiva de quatro diferentes grupos de informantes em cada ponto, permitindo o contraste entre a fala de falantes urbanos e rurais, mais velhos e mais jovens, mais escolarizados e menos escolarizados, além de falantes luso-brasileiros e ítalo-brasileiros, dá aos mapas não só a capacidade de representar a intensidade da variação, mas também o modo como ela acontece.

Mas isso não era tudo. Um mapa pluridimensional, que representa a variação de um item fonético-fonológico, num determinado estilo de fala, pode indicar importante tendência de mudança lingüística. Todavia, ao juntar em um só mapa um conjunto de duas a três dezenas de mapas, representando a variação do mesmo traço fonético-fonológico em diferentes contextos lexicais e em diferentes estilos, aumentamos, sobremaneira, a capacidade de fazer generalizações sobre o fenômeno. Essa capacidade cresce ainda mais quando se agregam aos mapas pluridimensionais outras informações estatísticas através da legenda ou de gráficos. Através dos mapas geolingüísticos pluridimensionais, mais simples ou mais complexos, é possível visualizar o grau e o modo de variação do fenômeno, fornecendo argumentos mais consistentes para as conclusões.

6. Referências bibliográficas

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado. 330 p.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

THUN, H. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 183-213.